

Wilson Alves Ribeiro Jr.
• warj.med.br/publicacoes.htm



A Grécia antes dos gregos

W.A. Ribeiro Jr.

RIBEIRO JR., W.A. *A Grécia antes dos gregos*. São Carlos: NetHistória, 2005. Disponível em http://www.nethistoria.com/index.php?pagina=ver_texto&titulo_id=283.

RIBEIRO JR., W.A. *A Grécia antes dos gregos*. Disponível em <http://warj.med.br/pub/pdf/greciantes.pdf>.

Estudo preparado para artigo de divulgação no *site* NetHistória. Texto e imagens originais, inclusive com as legendas não publicadas em NetHistória; pequenas correções.

- Sumário:**
1. Resumo
 2. Introdução
 3. Pré-gregos e gregos
 4. Paleolítico e Mesolítico
 5. Neolítico
 6. O Bronze Antigo
 7. O advento dos gregos
 8. Notas e bibliografia

laudas: 10 **ilustrações:** 5 **quadros:** 0 **formato:** A4 3187 **palavras**

abreviaturas: consultar o *link* <http://greciantiga.org/exp/abrev.asp>

© 2004 Wilson Alves Ribeiro Jr.

Os textos e as imagens originais desta publicação estão protegidos pelas leis internacionais que regem o uso da propriedade intelectual. Para mais informações sobre direitos autorais e termos de uso desta obra, consulte <http://greciantiga.org/exp/exped02.asp>

Os proprietários dos direitos autorais de imagens e textos não originais estão identificados nas legendas e nas referências, conforme o caso, e devem ser consultados antes da reutilização do material.

On line desde 18.09.2004

RESUMO:

Durante longo tempo acreditou-se que a cultura grega antiga era herdeira única e direta das tradições culturais de agressivos invasores indo-europeus que haviam dominado a península balcânica no fim do III milênio a.C.; estudos recentes, no entanto, sugerem que os povos pré-gregos contribuíram significativamente para a gênese da cultura grega. O objetivo deste trabalho é recordar, de forma sucinta, alguns achados arqueológicos anteriores ao fim do III milênio a.C. que ilustram, em grandes traços, essa instigante asserção.

Introdução

Durante muito tempo, mais especificamente do século XIX até meados do século passado, acreditava-se que a cultura grega derivou apenas das tradições culturais herdadas das primitivas comunidades indo-européias (1). Imaginava-se, romanticamente, agressivos invasores indo-europeus, nômades e militaristas, submetendo o continente grego com seus cavalos, caruagens, longas espadas de bronze, cidades fortificadas e a eficiente roda de oleiro, impondo pela força sua cultura "superior" aos pobres povos conquistados.

A cultura grega, na realidade, emergiu lentamente a partir do final do III milênio a.C. após ampla mistura de populações que viviam na península balcânica há milênios com os indo-europeus recém-chegados. É mais apropriado, no estado atual de nossos conhecimentos, considerarmos aquilo que chamamos de "cultura grega" a mera resultante de sucessivos estratos culturais que interagiram ao longo dos três últimos milênios da Era Cristã (ou Comum) e atingiram o máximo esplendor nos séculos V e IV a.C.

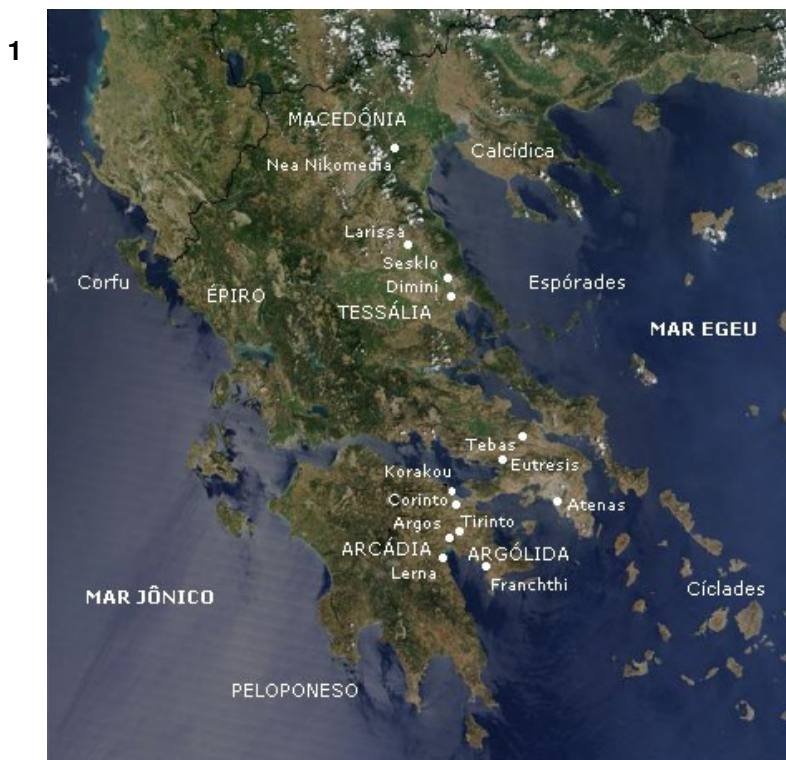
Pré-gregos e gregos

Quais seriam, então, as características dos povos pré-gregos? E em que extensão esses povos contribuíram para a formação da cultura grega?

Estudos a respeito dos povos que viveram na península balcânica antes da chegada dos indo-europeus, têm interessado mais e mais tanto arqueólogos como historiadores. Os próprios gregos tinham plena consciência de não serem os primeiros habitantes da Grécia e sabiam que as primeiras populações gregas interagiram de vários modos com os primitivos habitantes da península balcânica, a quem chamavam "pelasgos" e "leleges", conforme a região; sabiam, ademais, que os pelasgos falavam uma língua não-grega (*Hdt.* 1.56-58 e 1.171). Tucídides conservou, ademais, a tradição de que a região "agora chamada de Hélade" dependia da economia de subsistência e era constantemente exposta a invasões, que seus antigos habitantes migravam constantemente, nunca construíram grandes cidades e "nunca atingiram outras formas de grandeza" (*Th.* 1.2).

De modo geral, podemos reconhecer os primeiros povos gregos, assim como muitos outros, por meio de três elementos básicos: a língua que falavam (o grego antigo), a região em que viveram (a península balcânica) e certas características tecnológicas e artísticas das edificações e objetos que produziram (cultura material). Sabemos que os pelasgos viveram na Grécia Continental, assim como os gregos, e que não eram letrados (2); os vestígios de suas edificações, utensílios e objetos de arte são, portanto, os únicos elementos de que dispomos para

reconhecê-los e tentar entender o quanto contribuíram para a cultura grega.



A Grécia Continental.
Foto 20420 do sensor
MODIS. Data: 03/08/02.
Jacques Descloitres,
MODIS Land Rapid
Response Team, NA-
SA/Goddard Space Fli-
ght Center.

Paleolítico e Mesolítico

Durante o Paleolítico ou "Idade da Pedra Lascada", os ancestrais do homem moderno organizavam-se em pequenos grupos de caçadores e coletores nômades que fabricavam utensílios simples de pedra lascada e trocavam ferramentas, enfeites e idéias entre si. Do ponto de vista material, as mais importantes características das culturas paleolíticas eram os abrigos provisórios, as ferramentas de pedra lascada e, nos últimos 40.000 anos, obras de arte como estatuetas e pinturas em cavernas. De 32.000 AP em diante, mais ou menos, os vestígios paleolíticos referem-se apenas ao homem moderno e todos os outros representantes do gênero Homo estavam já extintos.

Na península balcânica, os mais antigos vestígios de seres humanos datam pelo menos de 300.000 AP (3) e constam basicamente de toscos implementos de pedra lascada, aparentados à cultura acheulense (4) e achados em diversos sítios do Épiro e da Tessália. Um crânio descoberto em Petralona, na Calcídica, é o mais antigo representante dos caçadores-coletores dessa região e pertencia provavelmente a um de nossos remotos ancestrais, o Homo heidelbergensis, que viveu na Europa entre 400.000 e 100.000 AP. Sua datação precisa é ainda muito controversa, mas há um certo consenso de que esses hominídeos (5) surgiram na África e migraram para a Europa através do Oriente Médio e da Grécia.

Instrumentos mais sofisticados, do tipo mustierense (6), foram encontrados em numerosos sítios da Tessália e do Peloponeso, notadamente na Argólida. Essas ferramentas têm sido associadas a um outro hominídeo extinto, o Homo neanderthalensis, que viveu na Europa e

no Oriente Médio entre 200.000 AP e 32.000 AP, aproximadamente. De 30.000 AP em diante a quantidade de sítios arqueológicos aumentou consideravelmente e todos, praticamente, continham somente implementos líticos semelhantes aos da cultura aurignacense (7), associada ao homem moderno, que certamente chegou à Grécia a partir do Oriente Médio.

Os povos do Mesolítico eram também nômades e viviam da caça e coleta. Com o fim da Era Glacial haviam desaparecido os grandes rebanhos e as comunidades humanas sobreviveram, principalmente, da caça miúda, da pesca e da coleta intensiva. Os acampamentos duravam, no entanto, mais tempo, uma vez que não havia mais a necessidade constante de deslocamento. Os achados arqueológicos mais característicos do Mesolítico são as pontas de flecha, os arpões e os anzóis de pedra ou osso. A indústria lítica é tradicionalmente chamada de microlítica devido às pequenas lascas de pedra com forma geométrica. Na Grécia, os mais importantes vestígios mesolíticos foram encontrados na Argólida, em Corfu e nas Espórades; na Argólida há evidências de que a navegação marítima entre a Grécia e algumas ilhas vizinhas era já praticada. O mais antigo cemitério da Grécia data do Mesolítico e foi encontrado na Caverna Franchthi (Argólida), e é comparável ao de outros sítios europeus.

Os caçadores-coletores paleolíticos e mesolíticos eram nômades e portanto não se pode falar ainda em "povoamento" da Grécia. Na península balcânica não há obras comparáveis à arte mural e portátil, às estatuetas femininas com atributos sexuais proeminentes e aos falos encontrados nas demais partes da Europa e Ásia, mas a falta de evidências diretas não significa necessariamente que os caçadores paleolíticos da Grécia Continental não tivessem as mesmas crenças ou a mesma capacidade artística de seus contemporâneos de outras regiões.

2



Ártemis caçadora. Cópia romana de original grego do fim do século IV a.C. Paris, Versailles.

Há, na minha opinião, tênues sinais da persistência de tradições paleolíticas e mesolíticas na cultura grega dos Períodos Arcaico e Clássico, notadamente no culto a divindades ligadas à caça e à vida selvagem, como Ártemis, Pã, as ninfas e, em certa medida, a Hélio e a Apolo (8). As tradições míticas que relatam a origem da civilização e de raças, como por exemplo a de Foroneu e a de Pelasgo, são outro exemplo. Foroneu, filho do deus-rio Ínaco e da ninfa Mélia (9), teria sido o primeiro homem do mundo e mais tarde ensinou seus semelhantes a viverem juntos, em comunidade (*Paus.* 2.15.5); na Arcádia, dizia-se que Pelasgo, primeiro habitante da região, era filho do solo (*Apollod.* 2.1.1).

Neolítico

O Neolítico ou "Idade da Pedra Polida" coincide com o advento da agricultura e da domesticação de animais, as primeiras intervenções humanas diretas no mundo natural. Essa foi também a época das primeiras invenções, como cerâmica, a foice, o arado, a roda, o barco a vela, a tecelagem e a cerveja, e da diferenciação social e política (profissões especializadas, governantes e governados, etc.).

As comunidades neolíticas são reconhecidas pelas evidências arqueológicas de habitat permanente, agricultura e criação de gado, pelo uso de utensílios de pedra polida, vasos de cerâmica para armazenar alimentos e tecelagem e, com frequência, pelas estatuetas femininas de barro. A expressão artística limitava-se à decoração dos vasos de cerâmica e a algumas poucas esculturas. Assim como as comunidades paleolíticas, os povos neolíticos seguramente tinham um coerente sistema de crenças, superstições e rituais para agradar e tornar favoráveis as desconhecidas e poderosas forças da natureza. Acreditavam, certamente, que isso constituía a diferença entre a fome e a abundância, a vida e a morte de toda a comunidade.

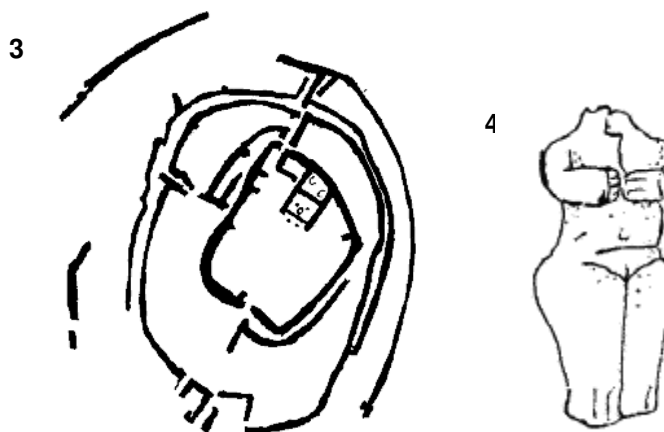
A julgar pela quantidade de utensílios e alimentos em certas sepulturas, as cerimônias fúnebres e as homenagens aos mortos tornaram-se ainda mais complexas e de alguma maneira importantes para a comunidade como um todo. A presença de estatuetas femininas em diversos sítios, muitas vezes acompanhadas de uma criança, aponta para a existência de cultos religiosos que se apoiavam no paralelismo entre a fertilidade feminina e a da terra, essencial para uma cultura economicamente baseada na agricultura. Essas estatuetas, devido às nádegas proeminentes, são muitas vezes ditas "esteatopígeas" — o que significa, em grego, "de bumbum gordo".

Os primeiros agricultores da Europa vieram provavelmente da Anatólia e da Sírio-Palestina por mar, através das Cíclades, e se estabeleceram em aldeias na Grécia Continental por volta de 6500-6000 a.C. Após curta fase em que a cerâmica não era fabricada (cf. Argissa, perto de Larissa), os pioneiros se dirigiram para o sul e, passando pela Grécia Central, atingiram o Peloponeso. Costuma-se dividir os três milênios do Neolítico da Grécia Continental em diversas fases de desenvolvimento, representados por sítios-tipo: Nea Nicomedia, na Macedônia (5800-5300 a.C.); Sesklo (5300-4400 a.C.) e Dimini (4300-3300 a.C.), na Tessália.

As aldeias típicas da primeira fase, como Nea Nikomedia, eram pequenas, abertas e homogêneas, sem muralhas defensivas ou cercas; as casas eram em geral quadradas, com fundações de pedra e paredes de tijolos de barro. As principais construções de Sesklo situavam-se numa elevação e essa acrópole parece ter sido cercada por um muro de aproximadamente um metro de espessura. Perto do centro havia um mégaron (10) primitivo, sem colunas, o primeiro da Grécia. Dimini era bem menor mas também ocupava o alto de uma colina e tinha um grande mégaron (8 X 8 m), cercado de um anel defensivo de seis ou sete muralhas concêntricas de pedra e barro. As muralhas não foram necessariamente construídas ao mesmo tempo e tinham 0,6-1,4 metros de espessura e possivelmente 2-3 metros de altura. Segundo Vermeule (1972), "parece que Dimini era arquitetonicamente organizada em torno de uma família dirigente ou de um chefe de aldeia".

A mais antiga ocorrência de estatuetas compatíveis com deusas-mães primitivas é a de Nea Nikomedia. Os olhos amendoados da estatueta e a arquitetura geral da imagem lembram exemplares de deusas-mães encontrados em Hacilar, na Anatólia; esse é um dos indícios de

que os colonizadores neolíticos da Grécia podem ser oriundos dessa região. Muitas outras estatuetas desse tipo, encontradas em sítios mais recentes, sugerem que o culto da deusa-mãe era bastante difundido na Grécia neolítica.



- 3 – Plano esquemático da cidadela de Dimini, evidenciando muralhas e mégaron. Data: 4300-3300 a.C. Esboço do autor.
- 4 – Deusa-mãe de Sesklo. Data: 5300-4400 a.C. Atenas, National Archaeological Museum. Esboço do autor.

As maiores contribuições do Neolítico à cultura grega como um todo foram, provavelmente, a religião e a arquitetura. Em relação à religião, é preciso citar os sacrifícios oferecidos às divindades, em prol de colheitas abundantes e dádivas relacionadas, e as evidentes relações com a deusa-mãe encontradas em divindades gregas dos Períodos Arcaico e Clássico, como Réia-Cibebe, Hera, Deméter e Afrodite. Quanto à arquitetura, citemos as acrópoles, fortalezas na parte mais alta de elevações, em torno das quais muitas pólis gregas iriam se desenvolver (Atenas, Corinto, Argos, Tebas, etc.), e o mégaron, cuja planta básica aparentemente originou a planta dos templos do Período Arcaico.

Embora tema ainda controverso, talvez se devesse acrescentar à lista de contribuições do Neolítico algumas palavras da língua grega que designam montanhas, plantas e alguns deuses, usadas possivelmente pelos povos neolíticos estabelecidos na península balcânica antes da Idade do Bronze.

O Bronze Antigo

A economia permaneceu, durante o Bronze Antigo, eminentemente neolítica na maior parte da Europa, Ásia e África. Em locais como a Ásia Ocidental, porém, na região conhecida por Mesopotâmia (o atual Iraque), a difusão da metalurgia do bronze e a conseqüente busca por fontes de cobre e estanho intensificou o comércio e as trocas, ensejou a formação de classes sociais e possibilitou a formação das primeiras cidades, dos primeiros estados politicamente organizados e o desenvolvimento da escrita entre o IV e o II milênio a.C.

Na Grécia, as principais etapas culturais do Bronze Antigo estão representadas em Eutresis (3000-2600 a.C.), Korakou e Lerna (2600-2100 a.C.), Tebas (2400-2100 a.C.) e Tirinto (2200-2000 a.C.). As mais antigas comunidades evoluíram provavelmente a partir das culturas

do Neolítico final e, a despeito da crescente influência das Cíclades, de Creta e de Tróia, conservaram sua homogeneidade durante muito tempo. Prósperas aldeias de casas retangulares e telhado plano eram vistas praticamente em toda parte. Os artefatos de metal eram raros e seguramente o estilo de vida se mantinha quase inteiramente neolítico. Jarros e outros utensílios de cerâmica adquiriram formas que seriam ainda usadas durante milênios nos territórios gregos.

5



"Molheira" de ouro de Heraia, Arcádia.
Data: 2200 a.C. Paris, Musée du Louvre.

Entre 2600 e 2200 a.C., fortificações e grandes edifícios foram erguidos no centro de várias aldeias litorâneas. Eram todos, praticamente, retangulares e com vários cômodos, longos corredores e telhas de terracota. Importantes inovações, como as telhas da Casa das Telhas de Lerna e os tijolos cozidos da Casa Redonda de Tirinto foram usadas na Grécia (e na Europa) pela primeira vez. Datam de 2200-2000 a.C. as primeiras evidências da miscigenação quase sempre pacífica entre os povos já estabelecidos na Grécia e as levas de recém-chegados que chamamos, atualmente, de indo-europeus. A região de onde vieram os indo-europeus é assunto altamente controverso e foge do escopo do presente trabalho.

O advento dos gregos

Não há evidências de descontinuidade entre a cultura material das comunidades da Grécia Continental de 2000-1600 a.C. e a cultura micênica de 1550-1100 a.C., esta reconhecida como grega. Por isso, a maioria dos arqueólogos considera os homens dessas comunidades, a meu ver com toda razão, os mais remotos ancestrais dos povos helênicos. Mas é inútil, certamente, procurar um parentesco óbvio e direto entre esses rudes aldeões e homens do porte de Ésquilo, Fídias, Tucídides e Aristóteles. A cultura grega, assim como toda cultura, é sempre o resultado de longo e às vezes tormentoso processo. No caso dos gregos, a contribuição dos povos que já estavam na Grécia pode ter sido tão ou mais importante do que a dos recém-chegados.

Notas

1. Algumas línguas antigas da Europa e da Ásia, assim como certas línguas modernas, apresentam diversas semelhanças. A palavra "pai" é um dos melhores exemplos: patér (grego), pater (latim), pitá (sânscrito), father (inglês), padre (italiano), vater (alemão). Acredita-se por essas e por outras razões que, entre 6000 e 3000 a.C., existiram populações neolíticas, chamadas tradicionalmente de "indo-européias", que viviam em algum lugar do sudeste da Europa ou da Ásia Menor. Vários grupos se dirigiram para a Europa e Ásia em ondas sucessivas a partir do fim do Neolítico e se instalaram numa ampla faixa que se estende das Ilhas Britânicas até a Índia.
2. Os primeiros documentos escritos da Grécia Continental datam de 1500-1400 a.C. e foram escritos em uma forma primitiva da língua grega.
3. "AP" equivale à sigla inglesa "BP", "before present".
4. O acheulense é uma das mais importantes e antigas tradições do Paleolítico Antigo da Europa Ocidental. Os instrumentos líticos são, em grande parte, lâminas bifaces com as bordas lascadas. Foi descrito pela primeira vez em um sítio próximo de Amiens, França.
5. Os homens modernos, juntamente com os chimpanzês, os orangotangos, os gorilas e seus ancestrais extintos, compõem a família hominidae.
6. A tradição mustierense de confecção de instrumentos líticos, associada ao Paleolítico Médio, caracteriza-se por pequenas lâminas bifaces com pontas, lascadas cuidadosamente em uma só face. O primeiro sítio descrito foi o da Gruta do Moustier, na Dordonha (França).
7. O aurignacense é uma tradição lítica do Paleolítico Superior, descrita pela primeira vez na Gruta de Aurignac (França), perto dos Pirineus. As lâminas desta cultura são em geral finas, alongadas e lascadas nas bordas de forma característica.
8. Ver minha comunicação Sobrevivências das antigas comunidades de caçadores no Hino a Hélio.
9. O nome da ninfa Mélia, em grego, evoca o freixo, árvore de pequeno porte comum nos países mediterrâneos.
10. O mégaron é uma construção retangular com as paredes mais longas se projetando para formar um pórtico em frente a um dos lados menores, onde há uma entrada; pode haver pilares para sustentação do teto.

Bibliografia

1. Ilustrações

[1] NASA. *Visible Earth*. URL: <http://visibleearth.nasa.gov>

[2,5] GREENHALGH, Michael. *Art Serve*. URL: <http://rubens.anu.edu.au/>

2. Textos da Antigüidade

Apollod. = PSEUDO-APOLODORO. *Biblioteca*, séc. I-II

Hdt. = HERÓDOTO. *Histórias*, c. 444-425 a.C.

Paus. = PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 160-176

Th. = TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, c. 424-404 a.C.

3. Textos contemporâneos

CARTLEDGE, P. *The Cambridge Illustrated History of Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CHADWICK, J. *The Mycenaean World*. Cambridge University Press, 1976.

CHILDE, V.G. *A Pré-História da Sociedade Européia*. Trad. A. Neto. Lisboa: Europa-América, 1974.

DOWDEN, K. *Os Usos da Mitologia Grega*. Trad. C.K. Moreira. Campinas: Papirus, 1994.

DURAND, M.G. *Précis d'Histoire Grecque*. Paris: Cerf, 1991.

FINLEY, M.I. *Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica*. Trad. W.R. Vaccari. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

JAGUARIBE, H. *Um Estudo Crítico da História*. Trad. S. Bath. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LAWRENCE, A.W. *Arquitetura Grega*. Trad. M.L. Moreira de Alba. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

LEROI-GOURHAN, J. et alli. *Pré-História*. Trad. J. Uratsuka e C.D.R. Garcia. São Paulo: Pioneira e EDUSP, 1981.

MARTIN, T.R. *Ancient Greece from Prehistoric to Hellenistic Times*. New Haven and London: Yale University Press, 1996.

OSBORNE, R. *Greece in the Making*. New York: Routledge, 1996.

POURSAT, J.-C. *La Grèce Préclassique*. Paris: Seuil, 1995.

PULLEN, D.J. *Early Bronze Age*. URL disponível em <http://classics.uc.edu/prmainland/Lectures/DanPullen/EBA01.html>, consultado em abril de 2002.

REINACH, S. *Observations sur le Mythe d'Iphigénie*. *Révue des Études Grecques*, Paris, v. 28, p. 1-15, 1915.

RUNNELS, C. *The Early Prehistory of Greece*. URL disponível em <http://classics.uc.edu/prmainland/Lectures/CurtRunnels/Early01.html>, consultado em abril de 2002.

RUTTER, J. *Prehistoric Archaeology of the Aegean*. URL disponível em <http://projectsx.dart>

mouth.edu/classics/history/bronze_age, consultado em julho de 2000.

TREUIL, R.; DARCQUE P. et alii. *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

VERMEULE, E. *Greece in the Bronze Age*. London: University of Chicago Press, 1972.